



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A PRODUÇÃO DA IMAGEM E A CRIAÇÃO DE MITOS EDIFICANTES
NA BIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO**

Fausto Alencar Irschlinger*

PLÍNIO SALGADO: TRAJETÓRIA

Ao levantarmos dados sobre Plínio Salgado, percebemos quão intrigante foi a trajetória desta figura, para muitos, emblemática e controversa na história brasileira. Além de político, Plínio foi jornalista, agrimensor, inspetor escolar, professor, escritor, intelectual, viveu o papel de filho, neto, irmão, pai, marido, viúvo, religioso, líder, perseguido, exilado. Teve participações no cenário brasileiro, não apenas como chefe integralista ou deputado federal, mas também, como autor de diversas obras literárias consagradas principalmente no período da propagação do Modernismo brasileiro e emissor de discursos carregados com suas sensibilidades. Percebemos assim, que a trajetória de vida de Salgado por vezes confunde-se à do Integralismo, ou mesmo, à do PRP e AIB, onde sustenta boa parte das ideologias e discursos.

Apresentando uma panorâmica sobre a trajetória de Salgado, vale ressaltar alguns dos marcos mais importantes. Plínio Salgado nasceu em São Bento do Sapucaí - São Paulo, em 22 de janeiro de 1895, sendo filho do “coronel” Francisco das Chagas Esteves Salgado (que na época exercia as funções de delegado, líder político e

* Fausto Alencar Irschlinger, é mestre em História pela Universidade de Passo Fundo e doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Atua como professor e pesquisador no Curso de História da UNIPAR, Unidade de Cascavel - PR. E-mail: fausto@unipar.br

farmacêutico do lugar) e da professora Ana Francisca Cortez (a qual possuía um caráter político e religioso acentuado). Em São Bento completou seus estudos para o magistério, em 1916 iniciou a atividade na imprensa com o semanário Correio de São Bento. Já em 1918, deflagrou a carreira política participando da função do Partido Municipalista que congregava lideranças do vale do Paraíba, começando a realizar palestras a favor da autonomia municipal. Ainda em 1918, casou com Maria Amélia Pereira, que vem a falecer logo após o nascimento de sua primeira filha, Maria Amélia Salgado, no ano seguinte.

Transfere-se para São Paulo em 1920, indo trabalhar no Correio Paulistano, órgão oficial do Partido Republicano Paulista, em que conhece Menotti Del Picchia, redator-chefe do jornal. Participa da Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1923, junto com Gama Rodrigues funda o partido Municipalista em Lorena, reunindo lideranças regionais. Publica o seu primeiro romance, “O Estrangeiro”, em 1926, e junto com Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho lança o Manifesto Verde-Amarelo, vertente nacionalista do modernismo, exaltando o “nacionalismo primitivista” brasileiro. Compõe com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, o “Grupo da Anta”, lançando a obra “O Curupira e o Carão”, base do programa Verde Amarelismo¹, exalta o indígena (principalmente o tupi) como formador da “autêntica” identidade brasileira.

Em 1928 é eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista e apóia a eleição de Júlio Prestes para presidente, em 1930. Em 1929, Plínio torna-se membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a sexta cadeira². No ano de 1930, antes do término do seu mandato, viaja ao Oriente Médio e à Europa como preceptor do Filho de Souza Aranha, Joaquim Carlos Egídio de Souza Aranha, e toma contato com os ideais nacionalistas na Europa, principalmente o fascismo, que estava em vigor na Itália (conhece pessoalmente Mussolini)³. Retorna ao Brasil em outubro de 1930, no início da revolução que derrubaria o Presidente Washington Luis.

¹ PAULO FILHO, Pedro. Plínio Salgado, Esse Injustiçado. In. **ANAIS da 1ª Semana Plínio Salgado**. 1. ed. São Bento do Sapucaí: Espaço Cultural Plínio Salgado, 1994.

² Neste mesmo momento, também se tornam membros os intelectuais Menotti del Picchia, Alfredo Ellis Jr., Cassiano Ricardo, Nuto Sant'Ana e Gofredo de Silva Teles.

³ PLÍNIO Salgado. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/plinio_salgado>. Acessado em 23 de março de 2013.

Já em 1931 torna-se redator do jornal “A Razão”⁴, fundado por Graça Aranha, na capital paulista. Em 1932 cria a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que reúne intelectuais nacionalistas simpáticos aos ideais de direita. Sendo que em outubro do mesmo ano lança o manifesto em que apresenta as diretrizes básicas de um novo movimento político – a Ação Integralista Brasileira (AIB). Em 1934, durante o 1º Congresso da AIB, Plínio confirma sua liderança sendo aclamado com o título de “Chefe Nacional”. Desse modo, os integralistas apoiam o governo Constitucional de Getúlio Vargas e visam o aborto da intentona comunista realizada em 1935. Em abril de 1936, Plínio Salgado casa-se novamente, com Carmela Patti. Já em setembro 1937, com a abertura ao pluripartidarismo, a AIB consolida-se como partido político, sendo Plínio Salgado, escolhido pelos integrantes, como o candidato representante às eleições para a presidência da República, que aconteceriam ao final do mesmo ano. Entretanto, em novembro, com a “descoberta” do Plano Cohen, o governo Vargas suspende as garantias constitucionais e institui o golpe de Estado, que asseguraria Vargas no comando do país por mais oito anos. E, apesar do apoio ao golpe do Estado Novo, em dezembro de 1937, o Partido Integralista Brasileiro, juntamente com outros partidos, é dissolvido por decreto. Inconformados com a situação, parte dos militantes integralistas criam um plano para assalto ao Palácio Guanabara⁵, porém, o ataque foi mal sucedido e os integralistas que participaram foram presos. Na figura de liderança expressiva do Integralismo, Plínio

⁴ O Jornal foi fundado por Alfredo Egydio de Souza Aranha, tendo vida no cenário político nacional de junho de 1931 até maio de 1932, com o intuito de proteger os ideais conservadores e direitistas, sobretudo, defender a política varguista em seus primeiros anos. Neste jornal, Plínio publicou cerca de 300 notas políticas, onde demonstra, entre elas, uma postura antiliberal, contra o materialismo difundido pelo capitalismo, uma oposição contra a formação de uma assembleia constituinte, apoio aos movimentos tenentistas, se opondo a classe dominante paulista, que defendia a constitucionalidade e o liberalismo. Nas primeiras publicações, Plínio demonstrava certa afeição pelo governo de Vargas, mas com o tempo, foi expressando suas críticas à medida que o governo provisório planejava a “redemocratização” e uma possível política de abertura do mercado ao capital estrangeiro. Tais publicações apresentam o posicionamento político de Plínio em relação à instabilidade ideológica do período, que mais tarde será visualizada no próprio Integralismo. Em 23 de maio de 1932, o jornal foi fechado por uma manifestação contra a repressão aos ideais constitucionais. Vide: PARADA, Maurício. **Notas Políticas:** o jornal A Razão e o jornalismo político de Plínio Salgado. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/Notas%20Políticas%20o%20jornal%20A%20Razão%20e%20o%20jornalismo%20político%20de%20Plínio%20Salgado.pdf>>. Acessado em 30 de maio de 2013.

⁵ O levante ocorreu em 11 de maio de 1938 no Palácio Guanabara, residência oficial e sede do governo presidencial. O atentado ficou conhecido também como “Putsch Integralista”, e teve como principal objetivo derrubar o novo governo instaurado de Getúlio Vargas, sobre alegações de traição – pois a AIB em vários aspectos compactuava com Vargas, e até mesmo auxiliou na intervenção contra o comunismo no país –. Durante o período do Estado Novo, este fora o único atentado realizado contra Vargas em oposição ao seu governo. Dos correligionários que participaram deste acontecimento, os que não foram presos, acabaram sendo mortos durante a troca de tiros com a guarda presidencial. Ver: SILVA, Helio. **1938 - terrorismo em campo verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

Salgado é preso em janeiro de 1939, sendo levado à fortaleza de Santa Cruz e, semanas depois, parte para o exílio em Portugal, onde permaneceu até 1946.

Exilado em Portugal, busca um acordo com o governo brasileiro de Vargas, além de realizar diversas produções textuais (com destaque para temas de cunho religioso). Amplia seu círculo de relações em Portugal e, “elogia” a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra as nações do Eixo, até o término da ditadura Vargas, quando se inicia um processo de “redemocratização” do país. Retornando ao Brasil em 1946, dirige o Partido de Representação Popular (PRP), de centro direita, baseado em ideais nacionalistas, cristãos e morais, que eram bases da ideologia integralista. Em 1948, “representa” o catolicismo brasileiro nas “Conversações Católicas de San Sebastián”, na Espanha.

Com o PRP, Plínio angariou expressivos votos nas eleições presidenciais de 1955, com destaque ao Paraná⁶, sobretudo em Curitiba onde foi o candidato mais votado⁷. Já o PRP foi extinto em 1965 pelo ato institucional que extingue os partidos políticos e institui o bipartidarismo com a criação da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o partido de sustentação governamental e o Movimento Democrático Nacional (MDB) que reunirá os opositores ao governo. Plínio Salgado é eleito deputado Federal em 1965 pela ARENA e reeleito em 1970. Salgado morreu em São Paulo, em dezembro de 1975⁸, sua trajetória de vida foi marcada por diversos detalhes e percalços, os quais rendem, através de sua filha, a construção de uma engajada biografia.

Desse modo, falando sobre a construção de biografias (o que pode ser relacionado ao caso de Plínio), percebemos que as disputas por como lembrar ou esquecer

⁶ Em relação ao Paraná, a tese *As Paixões pelo Sigma: Afetividades Políticas e Fascismos*, defendida em 2012, Rafael Atháides trabalha com o Integralismo no Estado durante a década de 1930. Em específico, Atháides aborda a questão das afetividades políticas do movimento, em sua seção estadual chamada de Província do Paraná. A partir da análise de suas fontes, como textos jornalísticos do período de 1935-1936, mostra que o Integralismo “trouxe mensagens comoventes: um conjunto de ‘temas ideológicos’, estrategicamente manipulados em torno de certas afetividades, visando à sensibilização do militante”, (ATHÁIDES, p. 22). Neste sentido, destaca o importante papel da imprensa nesta manipulação, tida como “imprensa militante”, uma vez que as publicações integralistas mantinham uma postura mais ferrenha, onde se percebe que “manifesta inúmeras mensagens de caráter emocional, que estimulam a conexão afetiva do militante com a causa do Movimento, tida como justa e infinita”, (ATHÁIDES, p. 16). ATHÁIDES, Rafael. **As Paixões pelo Sigma: Afetividades Políticas e Fascismos**. Tese (Doutorado em História) - Curitiba: UFPR, 2012.

⁷ CIDADE, Maria Lúcia; SZWARÇA, Décio. 1955: o voto verde em Curitiba. In: **História: Questões e Debates**. Curitiba, n. 18 e 19, jul./dez. 1989, p. 181-209.

⁸ Entre outras bases de apoio para “traçar” uma trajetória de Plínio Salgado, destacamos: **DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

sobre um indivíduo, são inerentes ao campo da memória. Esquecimento, silêncio, dito e não-dito, são aspectos que perpassam os campos de forças em torno da memória. Chama atenção na disputa pela memória, a aceitação ou a negação de personagens considerados históricos que “mereçam” ser biografados (por exemplo, digno *versus* indigno). Lembramos, assim, da comum existência de oposição no lembrar/glorificar *versus* esquecer/silenciar⁹.

Observamos que a biografia torna-se um gênero profícuo e mesmo complexo para o historiador, mas, de fato, importante para a compreensão de trajetórias de vidas, da história e de suas facetas¹⁰. Vale lembrar que a biografia e a história política permaneceram por tempos em certo “descrédito” na historiografia¹¹. Esta retomada a estudos biográficos deve-se, em parte, às contribuições que a Nova História Política proporcionou, em termos teóricos e metodológicos, para a historiografia. Esta corrente, desenvolvida desde os primeiros estudos das *Annales*, ganhou força na historiografia a partir da década de 1970, em especial na França¹². Propiciava questionamentos sobre a

⁹ Em relação à memória e história temos contribuições de Jacques Le Goff, quando discute a problemática dos usos de memória coletiva na luta das forças sociais pelo poder; as contribuições de M. Pollack, quando trabalha com as memórias sociais – coletivas, abordando entre outros aspectos, os esquecimentos, os silêncios e o não dito; Bem como de Loiva Félix, quando trabalha com a memória e suas interligações no campo da política, as noções de memória e história, e a memória como problemática da pesquisa. Ver em: FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998; POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 10, 1992.

¹⁰ Nesse sentido, Sabina Loriga chama atenção para a redescoberta da biografia, quando identifica a aproximação entre biografia e história, considerando que o indivíduo e a reflexão sobre a subjetividade passaram a ocupar um lugar central nas preocupações dos historiadores. Sob essa perspectiva, destacamos em Loriga a ampliação do desejo de estender o campo da história, trazendo à luz os “excluídos” da memória, reabrindo o debate sobre o método biográfico. Loriga discute sobre os rumos da produção histórica, trazendo à tona a ideia da “crise do heroísmo”. Nessa perspectiva, hoje, a proposta não seria mais centrada no grande homem e sim no homem comum. Loriga também considera que o estudo do passado continua, muitas vezes, a privilegiar a concepção aritmética do indivíduo e os historiadores ainda teriam dificuldades em elaborar a multiplicidade individual, assim os pequenos homens coerentes sem falhas ainda são vistos e inscritos. Ver em: LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

¹¹ A partir da Nova História Política, novos conceitos foram delimitados, como o de “cultura política”, “imaginário político”, as novas formas de compreender as relações de poder estipuladas, como por exemplo, os estudos de Michel Foucault. Procura-se ir muito além das formas do Estado, dos partidos políticos e personalidades heroicizadas. Juntamente com as novas propostas, temos a aproximação com outras disciplinas e áreas do conhecimento, que contribuem com o historiador, como “a ciência política, a sociologia, a lingüística ou a psicanálise [...] A pluridisciplinaridade possibilitou o uso de novos conceitos e técnicas de investigação, bem como a construção de novas problemáticas”, (FERREIRA, p. 267). Ver em: FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Nova “Velha História”**: O Retorno da História Política. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

¹² Para maiores informações, temos: FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Nova “Velha História”**: O Retorno da História Política. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992; RÉMOND, René. **Por que a História Política?**. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n.13, p.

política como “o papel do Estado; o sentido de conceitos como Pátria, Nação e identidade; o significado do político enquanto dimensão que afeta seu cotidiano”¹³.

Conforme Giovanni Levi, “vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades”, e prossegue as considerações sobre a biografia, em que “em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus componentes a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais”¹⁴.

Vemos que as ciências sociais se inclinam para a voz e para o testemunho dos sujeitos, dotando, assim, de corpo a figura do “ator social”. Além disso, destacamos que é preciso compreender o indivíduo em suas particularidades, uma vez que este se insere em um meio social, pois o homem não se faz por si mesmo, necessita do coletivo. Segundo Leonor Arfuch, existe uma razão dialógica entre indivíduo e sociedade, na qual “toda biografia ou relato de experiência é, num ponto, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade”¹⁵. Captando, assim, nos estudos biográficos, o indivíduo e suas especificidades em sua rede de relações, o que, por sua vez, se torna complexo. Uma vez que, é praticamente impossível apreender o indivíduo em sua totalidade, além de estar repleto de subjetividades, de inconstâncias, de imprevisibilidade, é ainda necessário compreendê-lo em sua vivência com outros indivíduos, sujeito às instituições e possibilidades de sua época, dependente e determinante da vida social¹⁶.

7-19, 1994; BORGES, Vavy Pacheco. **História e Política: Laços Permanentes**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 7-18. set. 91/ ago. 92.

¹³ FÉLIX, Loiva Otero. **A História Política Hoje: Novas Abordagens**. Rev. Catarinense de História, Santa Catarina, n. 5, p. 49-66, 1998, p. 52.

¹⁴ LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 167.

¹⁵ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico - dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 100.

¹⁶ Percebemos que a temática da biografia é complexa, em que identificamos que alguns historiadores assinalaram riscos no trabalho com a biografia, como Jacques Le Goff, que expressa questionamentos com tal “furor biográfico”. Já para Alexandre Avelar, a narrativa biográfica é imbricada nas subjetividades, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. No entanto, as pesquisas biográficas tornam possível o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da História e às relações sociais, evitando a formulação de paisagens monolíticas do passado. Conforme Avelar, uma escrita

Trazemos aqui, considerações sobre a biografia do personagem Plínio Salgado, apresentando a publicação de Maria Amélia Salgado Loureiro, a qual trabalha com a biografia de seu pai, editada em 2001. Vale destacar que o período da publicação foi marcado pela organização de grupos neointegralistas, congresso, encontros integralistas para o século XXI e pela tentativa de reabilitar a imagem de Plínio. Isso tudo não deixa de representar uma disputa por determinada memória e assentamento ou realocação histórica do personagem biografado. Entretanto, os dados revelados sobre sua trajetória nos auxiliam para entendermos melhor as construções discursivas e “sensibilidades” de Plínio, bem como a tentativa de produção de uma imagem mítica do mesmo.

O “SALVADOR”: O *HOMEM PROVIDENCIAL*; O PAI INJUSTIÇADO

Elaborada por Maria Amélia Salgado Loureiro¹⁷ e organizada em quatro partes, a biógrafa apresenta sucessivos acontecimentos em torno da vida e da trajetória de Plínio Salgado, desde o capital simbólico de antepassados e pais, o nascimento (1895, em São Bento do Sapucaí) até a morte (1975, em São Paulo). Entre os traços do texto, as quase quinhentas páginas são perpassadas por mesclas que enfatizam as narrativas tópicas e as cronológicas. Diversos aspectos da vida pessoal de Plínio Salgado são abordados, sem descompor o personagem, nem a exaltação do homem humilde e exemplar que seria nascido no seio da caridade e da liderança. Aborda-se a força e a determinação, vigor e iluminação, ao mesmo tempo em que apresenta traços de uma vida marcada pelo sofrimento, dor, incompreensões e calúnias, enfim, por sentimentos diversos.

Na produção biográfica sobre Plínio Salgado, Maria Amélia, após valorizar as características do pai (elogiando seu talento e valor), considera-o um dos seres mais injustiçados do Brasil. Na concepção da autora a obra tem a função de justificar o personagem e a memória de Plínio Salgado. Segundo ela, “Foi uma promessa que fiz a mim mesma: não morrer sem deixar escrita uma biografia de meu pai... intelectual de

biográfica pode revelar um *locus* privilegiado para revalorização dos atores sociais, alargando a compreensão do passado como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida. Ver em: AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como possibilidade de escrita da História. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo: 2011; BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996; LE GOFF, Jaques. “Introdução”. In: **São Luis – biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁷ Maria Amélia Salgado Loureiro, filha de Plínio Salgado e de Maria Amélia, nasceu em 6 de junho de 1919 em São Bento. Acompanhou boa parte da trajetória de vida do pai, sendo duas vidas que nitidamente se cruzam e convivem.

talento, estadista e político de grande valor e um dos homens mais injustiçados no cenário da vida nacional, apesar de ter amado com todas as forças de sua alma o Brasil, sempre sonhando em torná-lo uma grande e respeitada nação”¹⁸.

A partir disto nos interessa observar, em especial, que o caráter humano e o místico estão retratados no mesmo personagem biografado. Destaca a autora, entre outras passagens, que Plínio, ainda quando criança, em momentos de profunda reflexão e inquietude “uma voz misteriosa parecia falar dentro dele, chamando-o para a espiritualidade, a transcendência, guiando-o a regiões desconhecidas e ignotas”¹⁹. Relacionamos tal afirmação com a centralidade da temática da espiritualidade, da subjetividade e da sensibilidade do sujeito, visíveis nas obras do autor, objeto de nossa pesquisa. Como já apontamos, a subjetividade está relacionada às vivências dos indivíduos que possibilitam a sua identificação social, assimilando ou rejeitando elementos dessa experiência de vida. Portanto, a construção da subjetividade, está relacionada a circunstâncias histórico-socioculturais e a biografia/trajetória do indivíduo.

No texto, ao mesmo tempo em que ela relata a capacidade de Plínio rever alguns de seus posicionamentos, como passar de leitor à combatente do comunismo, ou passar de integrante da velha república para uma nova “concepção de humanidade”, passar por desesperanças e dores morais, o personagem é, de forma recorrente, retratado como homem de vocação, de moral, de virtudes, de sensibilidade e árduas conquistas e de responsabilidade precoce. Ele é apresentado, também, como o protetor da família, obstinado em suas convicções, o poeta, o grande escritor e político, o intelectual, grande orador e entusiasta, o “propagador do nacionalismo sadio e construtivo”, o reconstrutor nacional e da verdade, o verdadeiro combatente do comunismo internacional, o sensato, compassivo de coração, entre outros termos valorativos. A ideia de “predestinado”, de um homem que cumpriu com esmero a missão na terra está fortemente presente.

Percebemos, com isso, a exaltação de Plínio por Maria Amélia, sugerindo a criação de um personagem mítico. Assim, o resultado é um caminhar em direção à fixação dos traços da personalidade de Plínio, adotando uma narrativa que apresenta a imagem enaltecida desse personagem singular e coerente, segundo ela. Identificamos a importância do uso da memória e da sua disputa na questão da biografia, na qual esta

¹⁸ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. XI.

¹⁹ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 88.

acaba não só retratando as experiências, o que foi vivido por algum indivíduo, como também, edifica a personalidade de seus personagens, e inclusive, transmite uma determinada imagem dos feitos e ações. Identificamos ainda, que ao longo do texto a narradora/biógrafa pretende não assumir a proximidade afetiva com o biografado ou o parentesco com ele, porém, o título do livro (*Plínio Salgado, meu pai*) deixa marcas indeléveis das cercanias afetivas como, por exemplo, a relação de posse expressa no pronome possessivo “meu”.

Assim, a “primeira parte” da obra de Maria Amélia destaca a cidade natal de Plínio - São Bento do Sapucaí, os ancestrais, os pais, o nascimento, a infância, os dias de alegria, enfatizando períodos de melancolia e sofrimento. Expõe as transformações e o cotidiano de um menino, em tese “normal”, mas em momentos retratado como predestinado e ao mesmo tempo marcado pelo estigma da incompreensão. O enredo do texto prende o leitor, o qual pode acompanhar os desdobramentos da infância e da formação do biografado como, por exemplo, as mudanças de residência, acontecimentos políticos e privados, travessuras, passeios, contemplação da natureza, visitas, solidão, a morte da esposa após o nascimento da filha, em 1919 (a autora da biografia). Na “segunda parte”, de forma mais engajada, Maria Salgado apresenta a formação intelectual de Plínio, as leituras e as dificuldades na cidade de São Paulo, o trabalho e contatos como jornalista e escritor, a participação na Semana de Arte Moderna, a Fundação da Ação Integralista Brasileira, a publicação de artigos, manifestos e livros, a viagem para Europa, a revolução de 1930, a participação e ação política no período, o golpe de 1937, a prisão. Nessa parte, procura configurar o amadurecimento político e intelectual de Plínio, enaltecendo a retidão, conquistas e coerências na tentativa de justificar os atos do personagem, bem como as peripécias, perseguições e injustiças sofridas, mesclando aspectos do público e do privado, do contexto e do sujeito. Na “terceira parte”, seguindo com o engajamento da autora, a obra trata do exílio de Plínio no Estado Novo (pós 1938), as perturbações de saúde, os anos que passou em Portugal, as viagens e impressões sobre a Europa e o Brasil, os diferentes escritos, a falta de recursos e a venda de seus livros na Europa, seus medos e a posição de neutralidade com a Segunda Guerra, indignações, perspectivas, saudades do Brasil, entre outros. Na “quarta parte”, a última, aborda o regresso de Plínio Salgado, as preocupações com os jovens, a participação na vida política nacional nos anos 1950, a ação parlamentar, as agitações políticas e o golpe de 1964, a paixão por Brasília, o retorno

final para São Paulo, entre outros aspectos. Novamente são enfatizados aspectos públicos, combinado aos privados. A concepção de “predestinado” (salvador) é bastante presente.

Para compreender melhor essas problemáticas, podemos perceber, ainda que de forma sucinta, aspectos sobre a memória. Esta se relaciona ao ato de lembrar, mas não é meramente lembrança, além disso, está ligada às significações, aos sentidos e às referências do coletivo e do individual. Segundo Loiva Otero Félix, “a memória liga-se à lembrança das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantém no presente. Portanto, não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e, sim, a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradoras de uma memória social”²⁰.

Assim, a memória é um elemento aglutinador do cultural. Porém, não podemos compreendê-la como um reflexo tal qual o tempo já transcorrido, ou seja, como uma verdade absoluta do passado. Desta forma, percebemos o caráter seletivo da produção desta²¹. Temos a contribuições de Pierre Nora, em que destaca que “a memória é [...] sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”²².

Sendo seletiva, o esquecimento ocupa um importante lugar na manipulação da memória, pois “há um esquecimento desejado e regulado pelo poder [seja ele qual for]. Por isso que não dá para conceber a memória como neutra; é sempre um processo ativo

²⁰ FÉLIX, Loiva Otero. **A História Política Hoje: Novas Abordagens**. Rev. Catarinense de História, Santa Catarina, n. 5, p. 49-66, 1998, p. 41-42.

²¹ Segundo Tedesco, a memória é seletiva em sua natureza, tanto individual quanto coletiva. O autor aborda a noção de esquecimento e manipulação da esfera política sobre a memória. TEDESCO, João Carlos. “Memória Política e Política na Memória: Os Poderes da Lembrança. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, Memória e Poder: Reflexões sobre o Patrimônio Histórico-Cultural em Passo Fundo (RS)**. v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 113.

²² NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993, p. 9. Para ele, entre outros: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...)” (NORA, p. 13).

de atribuição e sentido seletivo”²³. Desta forma, percebemos, muitas vezes, que a memória é utilizada no presente para consolidar uma imagem futura, com bases no passado, pois a memória “não é só passado, mas o que se está fazendo no presente e o que se pretende fazer no futuro”²⁴.

Parece-nos que a intencionalidade de revisitar o passado visando absolver no presente e edificar para o futuro, cabe ao caso da biografia “oficial” de Plínio. Nesse sentido, vale destacar as importantes contribuições de João Fábio Bertonha, quando discute como pode ser construída a memória histórica a partir de um arquivo pessoal e outras fontes, no qual nesse caso trabalha com a documentação do intelectual Plínio Salgado (1875-1975), buscando entender os mecanismos que ele utilizou para moldar sua documentação e construir sua própria imagem futura²⁵. Bertonha trabalha com a memória que transparece no fundo documental particular, ou seja, o “Fundo Plínio Salgado”, no Acervo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP (o qual congrega expressiva documentação sobre o integralismo e Plínio).

Para Bertonha, parece óbvio que, em muitos momentos, Plínio guardava seus papéis para uso futuro. Destaca o pesquisador que “o que realmente está presente, é uma tentativa de acertar as contas com o passado e construir a memória com que ele gostaria de ser lembrado”²⁶. Segue ainda que “o próprio fato de manter um arquivo tão amplo indica claramente o esforço de Plínio de deixar uma expressão individual, uma imagem para o futuro. Ele tenta claramente construir uma unidade entre os vários “eus”, recompondo os vários passados e unificando-os na sua experiência de vida”²⁷.

Assim, podemos relacionar também a biografia realizada por Maria Amélia em relação a Plínio. Vale ressaltar que entre as fontes utilizadas pela autora na composição

²³ TEDESCO, João Carlos. “Memória Política e Política na Memória: Os Poderes da Lembrança. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, Memória e Poder: Reflexões sobre o Patrimônio Histórico-Cultural em Passo Fundo (RS)**. v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 119.

²⁴ TEDESCO, João Carlos. “Memória Política e Política na Memória: Os Poderes da Lembrança. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, Memória e Poder: Reflexões sobre o Patrimônio Histórico-Cultural em Passo Fundo (RS)**. v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 105.

²⁵ BERTONHA, João Fábio. A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). In: **Patrimônio e Memória**. UNESP – CEDAP, v. 3, n. 1, 2007.

²⁶ BERTONHA, João Fábio. A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). In: **Patrimônio e Memória**. UNESP – CEDAP, v. 3, n. 1, 2007, p. 124.

²⁷ BERTONHA, João Fábio. A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). In: **Patrimônio e Memória**. UNESP – CEDAP, v. 3, n. 1, 2007, p. 125.

da biografia estão os escritos do próprio biografado, cartas, impressões, poemas, fotos e imagens. Além disso, na posição de filha e de militante da Ação Integralista Brasileira (AIB), Maria Amélia emprega no texto muitas das lembranças e da seletividade de sua memória, emaranhadas em subjetividades. Nesse sentido, trazemos à tona algumas reflexões e questionamentos que são sugeridas na fala da autora, ao citar que os capítulos referentes à infância de Plínio foram redigidos conforme anotações deixadas pelo próprio biografado. Assim, Loureiro relata: “procurei preservar, ao máximo, a redação primitiva, sendo, portanto, realmente de sua autoria”²⁸. O fragmento sobre o exílio, também teria sido escrito pelo pai, extraído das cartas endereçadas à autora e ao marido²⁹.

Como apontamos, na biografia de Plínio Salgado, nos interessa observar que o passado é revisado desde a infância do chefe integralista como forma de enaltecer as origens exemplares de uma personalidade gerada na perspectiva de ocupar a função de líder de um projeto nacional ímpar de sociedade. Denota-se a construção de uma espécie de predestinação e visão mítica de um líder nato, incorruptível, cristão, calcado na “retidão de suas ideias e princípios”, mesmo que, muitas vezes, vencido pelo mal. Assim, em termos gerais, a biografia assume um caráter defensivo da vida e obra de Plínio Salgado³⁰. Em nosso ver, tal biografia busca dar legitimidade e sentido ao indivíduo e aos textos de Plínio, os quais são revisitados e reverenciados para alguns, até hoje.

Desta forma, identificamos que Maria Amélia pretendeu assentar a memória de Plínio com a posição de “herói”. Entre as inúmeras passagens que podem ser pinçadas da narrativa, destacamos algumas, as quais envolvem anunciação de sofrimento e perseguições, a missão exemplar do biografado que, por vezes, traz características

²⁸ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. XI.

²⁹ Outra percepção advinda da obra é o fato da autora revelar-se, em alguns momentos, apenas como uma organizadora de textos, na possibilidade de creditar a Plínio a escritura de uma autobiografia, ou de ter deixado um roteiro ao posterior biógrafo. Já sobre a questão da autobiografia, destacamos que, para Arfuch, na contemporaneidade, não se trata mais de afirmar se um relato autobiográfico é ou não “verdadeiro”, “real”, mas, ao contrário, se seu teor ficcional será ou não revelado de acordo com os *horizontes de expectativas* que ele causar. A obra de Arfuch reflete sobre os desdobramentos da questão da subjetividade, o modo de narrar e a razão dialógica. Ver em: ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico - dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

³⁰ Entre os trabalhos e os *sites* com diferentes opiniões dispostos na internet que tratam da trajetória de Plínio Salgado, citamos a resenha sobre a biografia escrita por sua filha Loureiro. Ver: BERTONHA, João Fábio; POSSAS, Lídia M. Vianna. Plínio Salgado e seu perfil biográfico, embates entre memória e história. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: UFF, n. 16, p. 207-211, 2003.

próximas aos “heróis” biografados na Antiguidade (ou mesmo das hagiografias³¹, que relatam a vida dos santos). Assim, após a biógrafa relatar que, para transformar o Brasil em uma grande nação, Plínio sabia que era preciso traçar um plano de ação e executá-lo com firmeza, e que as linhas gerais inseriam-se no Manifesto Integralista de Outubro de 1932, temos: “e ao desencadear o Movimento Integralista, Plínio Salgado abandonou o sossego e conforto de uma reputação solidamente firmada e desceu às ruas sem temer a calúnia e as injúrias, sem recuar diante das famigeradas moscas da praça pública de que falava Zaratustra”³². E para mostrar a cisão com a “calmaria”, segue o texto biográfico: “de agora em diante seria difamado, caluniado, vilipendiado por ousar discordar das idéias e pretensões do Comunismo Internacional”³³.

Entre os aspectos que demonstram a sensibilidade em Plínio, vemos a passagem sobre o início da década de 1930, no momento em que Plínio estava indeciso, refutou o materialismo e decidiu efetivamente dar continuidade às suas ideias e ações políticas independentes dos resultados, logo, ele reuniu a família e recebeu apoio na decisão. Assim relata Loureiro, que “Uma vez sozinho, deve ter se lembrado de Goethe em seu *Fausto*, recordando as lendas ouvidas em São Bento do Sapucaí, onde o Tentador acenava com o sucesso e a riqueza àqueles que lhe rendessem culto. Porque Satanás é o senhor das coisas materiais, obtidas facilmente e, muitas vezes, sem o mérito pessoal do beneficiado, o criador dos falsos “heróis” e dos “gênios” mal aquinhoados. Mas o pagamento é pesadíssimo: a alma imortal”³⁴.

Já na prisão em 1939, apresenta a força de espírito de Salgado, que “só o deserto, pensava Plínio, não se alterava uma linha: era como o coração cansado e estéril dos velhos, os velhos espíritos. Assim Plínio procurava a si próprio, penetrando no recesso de todas as exterioridades aparentes do *Ser*, que constituíam a casca do Homem, e que iludiam os ‘satisfeitos’, porém nunca os ‘insatisfeitos’, ou melhor, os rebelados contra a estagnação”³⁵.

³¹ Em relação às hagiografias sugerimos o trabalho de Dosse, apresentando que esse gênero literário, da escrita da vida dos santos, privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torná-las exemplares para o resto da humanidade. Ver em: DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009.

³² LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 194.

³³ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 196.

³⁴ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 196.

³⁵ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 256.

No exílio, em Portugal, misturando a “voz do Mar da Raça” (que provinha do Atlântico) e a voz de Plínio, temos: “e como esse mar falava! Plínio achava que os brasileiros deveriam escutar a sua voz para compreenderem seus altos deveres ente a História! Arrancar o ferro das montanhas, bater o aço nos estaleiros, lançar navios ao mar, dominar os mares austrais e falar ao mundo uma palavra nova, criando a civilização atlântica!”³⁶. Entretanto, quais seriam esses “deveres ente a História”, a “palavra nova”, a voz do “Mar da Raça”, a “civilização atlântica” para Plínio Salgado? Temáticas que merecem ser aprofundadas³⁷.

Continuando com as ilustrações recortadas de tal texto, vemos que, em 1940, período de perturbações de saúde no exílio, lendo sobre história e compondo a obra *A vida de Jesus*, especialmente na parte que tratava de Judas, destaca ainda que Plínio:

no meio dessas divagações literárias, a preocupação com o processo de ‘conspiração dos sargentos’, que continuava a tramitar indefinidamente no Tribunal de Segurança [que era acusado no Brasil], aborrecia muito Plínio Salgado. Fazia-o lembrar-se dos artifícios da politicagem nos tempos das guerras civis da República Romana. Estivera a ler Plutarco, na vida de Cícero, e ponderava como a humanidade era sempre a mesma: as mesmas maldades, as mesmas calúnias, os mesmos expedientes, as mesmas situações.³⁸

Já sobre a morte do personagem³⁹, a biografia resume, a seu modo, a vida de Plínio, o que deveria em sua concepção, permanecer na memória coletiva e reabilitá-lo como um “modelo” edificante:

Encerrava-se, assim, uma vida de luta, sofrimento, decepções e amarguras. Morria aos quase oitenta e um anos, o grande patriota, o homem que recusava todas as vantagens, todos os bens materiais, toda a honraria, para ser coerente com seus ideais, sempre alimentado pelo imenso sonho de ver um dia o Brasil acordar de sua letargia e transformar-se numa grande Nação, forte e respeitada. Morria o homem que abdicou de seus projetos literários (que eram tantos!), projetos que

³⁶ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 291.

³⁷ Percebemos que ao falar sobre “Civilização Atlântica”, Salgado sugere uma “revolução” integralista na América Latina. Para maiores informações, indicamos: BEIRED, José L. B. **Sob o Signo da Nova Ordem**: Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

³⁸ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 299.

³⁹ Segundo consta na biografia, Plínio era um pouco “naturista” (não gostava muito de tomar remédios), no entanto, nos últimos meses de sua vida, começou a ficar mal, estaria definhando, sem saber bem quais as moléstias possuía (apesar de ser submetido a diversos exames). Plínio supunha ter adquirido tais moléstias de causa exterior, seria de uma “picada venenosa”. Conforme destaca o texto, Plínio expirou no transcurso do dia 7 para 8 de dezembro de 1975, por parada cardíaca (dia de Nossa Senhora Aparecida, da qual era devoto). Ver em: LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001.

realçariam ainda mais seu nome como intelectual, para dedicar-se à lida política visando sempre o bem comum... Plínio Salgado pode repousar em paz, pois cumpriu muito bem a missão que lhe coube desempenhar no planeta terra.⁴⁰

Obviamente, não se pode desconsiderar a importância da obra e da contribuição ao buscar preencher as lacunas e ao apresentar outros olhares sobre a trajetória do personagem. Como observamos anteriormente, Maria Amélia se impõe no compromisso de reabilitar a figura do pai, tomando emprestadas características das biografias clássicas, visando recuperar a origem na perspectiva de “herói” injustiçado. Assim, nesse caso, além de construir uma determinada imagem de Plínio, o próprio discurso empregado, constrói, em partes, sua auto-imagem, traçando um perfil “heróico”. Na reflexão poderíamos nos perguntar se além da ideia de “compor” um personagem, Plínio realmente se via como um “salvador” (uma espécie de narcisismo profético).

Salientamos ainda, que a construção heróica de um personagem, carrega, muitas vezes, prerrogativas de mito político ou religioso. Desse modo, ao tentar justificar a memória de Plínio, o texto de Loureiro traz a tona aspectos sobre o mito, relacionado ao tema do *Salvador*, apresentado por Raoul Girardet⁴¹.

Já tecendo referências ao mito político, conforme apresenta Raoul Girardet, ao trabalhar com o tema, “para os antropólogos e os historiadores do sagrado, o mito deve ser concebido como uma narrativa: narrativa que se refere ao passado (...), mas que conserva no presente um valor eminentemente explicativo, na medida em que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social”⁴². Completa o autor que o mito político como narrativa legendária exerce uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, apesar de ser interpretação “recusável do real”. “Do mesmo modo que o mito religioso, o mito político aparece como fundamentalmente polimorfo”⁴³. Entende-se, então, que o mito pode oferecer múltiplas ressonâncias e significações, que podem ser

⁴⁰ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001, p. 496-497.

⁴¹ O mito se manifesta de forma mais clara nas revoluções, nas lideranças carismáticas, nas obsessões maléficas, e é dessa maneira que o mito acaba por se transformar, por se constituir num sistema de crenças complexo. Denominados de *constelações mitológicas* por Gilbert Durand, Girardet em sua obra utiliza e analisa quatro sistemas destas, sendo: a Conspiração, o Salvador, a Idade de Ouro, e a Unidade. Conferir em: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

⁴² GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 12.

⁴³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 15.

complementares, mas também contraditórias e opostas. Para Everaldo Rocha, “o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espalharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”⁴⁴.

Sendo narrativa especial de caráter explicativo, acrescenta Girardet, não se pode esquecer que o mito é também potência mobilizadora. Para ele, nenhum sistema político, quaisquer que sejam os princípios de que se vale e por mais democrático que possa pretender-se, ignora o fenômeno da encarnação, da personalização do poder. Desse modo, salienta que praticamente todo líder, todo chefe de partido ou grupo tende, mais ou menos, a tomar a fisionomia do Salvador. “Assim, o tema do Salvador do chefe providencial aparecerá sempre associado a símbolos de purificação: o herói redentor é aquele que liberta, corta os grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más”⁴⁵. Associado a imagens de luz, o brilho do olhar ou a voz que guia, o chefe Salvador é considerado restaurador da ordem ou conquistador de uma grandeza coletiva, representa anseios e perspectivas de rápida solução em momentos de crise. Nesse sentido, nos parece que a biografia sobre Plínio, lançada em 2001, pretende ir além de restaurar a imagem de um pai, pois, é tomada como referência simbólica ao rememorar o “saudoso chefe”, pelos grupos neo-integralistas no século XXI.

Lembra Girardet que independente do modelo do mito do Salvador⁴⁶, o do *homem providencial* aparece como um lutador, um combatente, que supera os obstáculos mais difíceis e perigosos, o que pode ser associado com a constituição do personagem de Plínio Salgado na referida narrativa biográfica, especialmente no que tange ao capital religioso e místico do personagem. Bem como aspectos que podem ser relacionados aos

⁴⁴ ROCHA, Everaldo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 175.

⁴⁵ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 17.

⁴⁶ Em o Mito do *Salvador*, Girardet diferencia em sua estrutura quatro modelos. O primeiro é representado por *Cincinnatus*, caracterizado pela imagem de um homem velho de grande prestígio, mais focalizado para seus feitos bélicos e políticos, que se retirou da vida pública para repousar, sua representação está na lembrança. O segundo, denominado pelo princípio de *celeritas*, refere-se à imagem do jovem conquistador, aventureiro, onde a “legitimidade de seu poder não provém do passado, não depende do fervor da lembrança [como no caso anterior], inscreve-se no brilho da ação imediata”, (GIRARDET, p. 75). O terceiro, aqui utilizado para analisar a imagem de Plínio Salgado, é a figura do *homem providencial*, aquele que combate a situação de uma sociedade decadente, que está perdida em meio às trevas. Este, mesmo em meio a ameaças, muda seu tempo, após ele, existe uma divisória entre o “antes” e o “depois de”. Sua postura é confiante e serena. Por fim, o quarto modelo baseia-se no arquétipo do *messias*, do profeta, que também pode ser atribuído a Plínio. É aquele que revela, em sua representação quase sagrada, o que é verdadeiro, é aquele que mobiliza a multidão a acompanhá-lo em sua missão. Ele anuncia o que está por vir, prenuncia sobre a mudança. Sua aparição dá-se geralmente contra abusos de poder, em regimes ditatoriais, representando um líder político do povo. Conferir em: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

arquétipos da composição do mito do “profeta”. Para Girardet, o mito, ao ganhar amplitude, se estende em espaço cronológico e se prolonga na memória, logo, determinados detalhes e constituições biográficas podem ser resultados disso⁴⁷. Assim, o processo de *heroificação* implica em adequação entre a personalidade do salvador e a necessidade de uma dada sociedade, grupo ou momento, podendo ser entendido como reflexo de um sistema de valores ou de uma forma de mentalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAÍDES, Rafael. *As Paixões pelo Sigma: Afetividades Políticas e Fascismos*. Tese (Doutorado em História) - Curitiba: UFPR, 2012.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico** - dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como possibilidade de escrita da História. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo: 2011.

BEIRED, José L. B. **Sob o Signo da Nova Ordem**: Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BERTONHA, João Fábio; POSSAS, Lídia M. Vianna. Plínio Salgado e seu perfil biográfico, embates entre memória e história. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: UFF, n. 16, p. 207-211, 2003.

BERTONHA, João Fábio. A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). In: **Patrimônio e Memória**. UNESP – CEDAP, v. 3, n. 1, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. **História e Política**: Laços Permanentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 7-18. set. 91/ ago. 92.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

⁴⁷ Vemos que o mito integra aspectos que acompanham o percurso histórico da memória coletiva, de grupos sociais ou mesmo individual. Dessa forma, o ponto de associação entre memória e mito está basicamente no exercício reiterativo de transmissão social da lembrança. Peter Burke propõe o papel da recordação do passado como sendo responsável pela constituição do mito, na medida em que esta recordação esteja ancorada em “estereótipos retirados do repertório de estereótipos presentes na memória social de cada cultura”, (BURKE, p. 244). Na opinião de Burke, “existe um elemento central para a exemplificação da mitogênese: é a percepção (consciente ou inconsciente) da existência de uma ‘parecença’, em algum aspecto ou aspectos, entre um indivíduo particular e um estereótipo corrente de herói”, (BURKE, p. 243-244). Nesse sentido, a parecença tem como propriedade, em relação ao grupo, estabelecer semelhanças entre um indivíduo e uma visão estereotipada de herói. Conferir em: BURKE, Peter. **O mundo como teatro**: estudos da antropologia Histórica. Lisboa: Difel, 1992.

BURKE, Peter. **O mundo como teatro**: estudos da antropologia Histórica. Lisboa: Difel, 1992.

CIDADE, Maria Lúcia; SZWARÇA, Décio. **1955**: o voto verde em Curitiba. In: História: Questões e Debates. Curitiba, n. 18 e 19, jul./dez. 1989.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009.

FÉLIX, Loiva Otero. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupe, 1998; POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 10, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Nova “**Velha História**”: O Retorno da História Política. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LE GOFF, Jaques. “Introdução”. In: **São Luis – biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993.

PAULO FILHO, Pedro. Plínio Salgado, Esse Injustiçado. In: **ANAIS da 1ª Semana Plínio Salgado**. 1. ed. São Bento do Sapucaí: Espaço Cultural Plínio Salgado, 1994.

RÉMOND, René. **Por que a História Política?**. Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n.13, p. 7-19, 1994.

ROCHA, Everaldo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Helio. **1938** - terrorismo em campo verde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

TEDESCO, João Carlos. “Memória Política e Política na Memória: Os Poderes da Lembrança. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, Memória e Poder**: Reflexões sobre o Patrimônio Histórico-Cultural em Passo Fundo (RS). v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2011.